“CONTRA A PROPRIEDADE PÚBLICA,
EM DEFESA DA PRIVADA”:
ADEMAR DE BARROS DESENHADO NA
IMPRENSA COMUNISTA (1947 – 1964)¹

*“Against the public property favoring private”:
Ademar de Barros drawn in the
communist press (1947 – 1964)*

Rodrigo Rodriguez Tavares*

RESUMO

As relações entre Ademar de Barros e o Partido Comunista Brasileiro foram marcadas por movimentos de aproximação e distanciamento durante o período de redemocratização, especialmente entre 1947 e 1964. Nesse período, o político foi prefeito (1957 – 1961), governador (1947 – 1951 e 1963 – 1966) e duas vezes candidato à presidência (1955 e 1960). O objetivo deste artigo é analisar os desenhos retratando Ademar de Barros publicados nos jornais comunistas *Hoje* e *Novos Rumos* para compreender como as imagens foram utilizadas na construção da figura do político paulista de acordo com os interesses do PCB.

Palavras-chave: Ademar de Barros; Partido Comunista Brasileiro; imprensa.

ABSTRACT

The relationship between Ademar de Barros and the Brazilian Communist Party was marked by approaching and detachment movements during the redemocratization period, specially between 1947 and 1962.

* Professor de História da Universidade Federal do Paraná, UFPR. Doutor em História Social. tavare.s@hotmail.com

1 A pesquisa contou com apoio do CNPq e Capes.

O texto deriva de parte da tese *Desenhando a Revolução: a luta de imagens na imprensa comunista (1945-1964)*, defendida em 2010 sob orientação de Ulysses Telles Guariba, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

During that period, the politician served as mayor (1957 – 1961), governor (1947 – 1951 e 1963 – 1966) and was a presidential candidate twice (1955 e 1960). The objective of this essay is to analyze the drawings depicting Ademar de Barros published on the communist newspapers *Hoje* and *Novos Rumos*, in order to understand how those images were used in the construction of the paulista politician’s image according to the interests of the Communist Party.

Keywords: Ademar de Barros; Brazilian Communist Party; press.

“Um dos políticos de anedotário mais rico no Brasil” é Ademar de Barros, “o homem do ‘rouba mas faz’”. Essa era a visão do comunista Pedro Severino publicada no jornal *Novos Rumos*, de 7 de fevereiro de 1963, a qual afirma ainda que até os ademaristas reconhecem a “habitual falta de respeito pelo patrimônio alheio”, ironizando o fato de um “indivíduo notoriamente pouco afeito ao sistema da propriedade particular seja transformado em expoente dos circuitos [...] mais preocupados com a defesa da propriedade”. Severino termina por sugerir um lema: “contra a propriedade pública, em defesa da privada”.

O político que, completamente nu para quebrar o gelo, abraçou Darcy Ribeiro para pedir o apoio do antropólogo à sua candidatura à presidência; o *habitué* da zona do meretrício, onde se sentia como em casa e, eventualmente, encontrava um retrato seu na parede; o cliente que na peixaria dizia “quero robalo”; o político que pagou para engavetar uma reportagem desfavorável, que investiu pesado para ser entrevistado por Samuel Weiner da revista *O Cruzeiro* e que comprou um jornal para subsidiar seus projetos políticos²... Esses são alguns exemplos que enriquecem o anedotário do governador, confirmando a tese do comunista. Nas palavras de um seguidor, “a respeito dele tudo foi dito. Nada respeitaram, nem sua honra, nem sua administração, nem sua política, nem a sua atuação privada, nem o seu próprio lar”.³

2 RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 268. KWAK, Gabriel. *O trevo e a vassoura: os destinos de Jânio Quadros e Ademar de Barros*. São Paulo: A Girafa, 2006. p. 184, 260 e 263. CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas*: David Nasser e *O Cruzeiro*. São Paulo: SENAC, 2001. p. 238. MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 513. CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964: a história contada por jornais e jornalistas*. v. 1. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 579.

3 BENI, Mário. *Ademar*. São Paulo: Grafikor, 1973. p. 261.

Ademar de Barros era um ex-médico que tomou parte na Revolução Constitucionalista de 1932 contra Getúlio Vargas, mas acabou nomeado interventor em São Paulo (1938 – 1941), e, nesse cargo, a famosa “caixinha”, “dinheiro de dúbia procedência, destinado às despesas de maus políticos”,⁴ ficou ligada à sua figura.⁵ Membro da elite cafeeira, parecia estar em decadência em 1945, pois era visto pela oligarquia paulista como um fantoche de Vargas e um traidor de São Paulo. No entanto, viria a ser prefeito (1957 – 1961), governador (1947 – 1951 e 1963 – 1966), duas vezes candidato à presidência (1955 e 1960) e teve papel importante na articulação do golpe de 1964. No plano político, Barros conspirou contra o presidente João Goulart, fez alianças com o integralista Plínio Salgado,⁶ a Shindo Remmei,⁷ organização que negava a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, o Partido Comunista e com lideranças da umbanda. Na visão de seus correligionários, essas alianças heterogêneas poderiam ser creditadas à sua personalidade “dotada de um espírito [...] diferente e imprevisto a cada instante”.⁸ Já seus detratores o viam como quem “faz aliança com todos, de todos se aproxima, e a todos afasta quando necessário”.⁹

Suas relações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) entre 1947 e 1964 foram atribuladas. Os jornais *Hoje* (1947), de São Paulo, posteriormente chamado *Notícias de Hoje* (1948 – 1959), e *Novos Rumos* (1959 – 1964),¹⁰ editado no Rio de Janeiro, mas de abrangência nacional, publicaram

4 Caixinha. In: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

5 Paulo Filho tem uma visão benevolente e situa o surgimento da caixinha “nas campanhas dos anos 1950” e a relativiza por “[ser] dinheiro do jogo, que naquele tempo não era proibido, e dos empresários [...] para financiar as campanhas”, o que contribuía para o “enriquecimento pessoal” de “colaboradores”. CANNABRAVA FILHO, Paulo. *Ademar de Barros: trajetória e realizações*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2004, p. 89. Para a crítica, COTTA, Luiza Cristina Villaméa. *Ademar de Barros (1901-1969): a origem do “rouba, mas faz”*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 99-100. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-09022009-103517/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

6 COUTO, Ari Marcelo. *Ademar de Barros: práticas e tensões políticas no poder*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. p. 157.

7 MORAIS, Fernando. *Corações sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 308-310.

8 BENI, *op. cit.*, p. 54.

9 ALVES, Francisco M. Rodrigues. *Um homem ameaça o Brasil: a história secreta e espantosa da “caixinha” de Ademar de Barros*. São Paulo, 1954. p. 37.

10 POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *Comunicação, cultura de esquerda e contra-hegemonia: o jornal Hoje (1945-1952)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 54.

de maneira intermitente desenhos que construíam a visão do partido sobre ele. Se somarmos à sua conturbada trajetória o seu aspecto físico, “um metro e oitenta, uma enorme pança, os olhos pequeninos, um nariz avantajado, bochechas de um rubor permanente, a inconfundível voz fanhosa”,¹¹ havia inúmeros elementos para os desenhistas destratarem o político.

Ademar é o povo no governo

O PCB recém-saído dos anos de repressão do Estado Novo vive um período de euforia, com crescimento do número de militantes e popularidade em alta influenciada pela figura de Luís Carlos Prestes, pelas vitórias dos soviéticos em conjunto com os aliados na Segunda Guerra Mundial e pelo extravasamento da liberdade depois da ditadura. Muitos comunistas conseguiram a liberdade com a anistia de abril de 1945 e o partido vive a experiência da legalidade entre novembro de 1945 e maio de 1947. Prestes fez um comício no Rio de Janeiro em 23 de maio de 1945, no qual orienta os trabalhadores a “apertarem a barriga”¹² e manterem a “ordem e tranquilidade”: advogava o comedimento nas greves e a atuação dentro dos marcos institucionais.

De certa forma, com o desenvolvimento do capitalismo (especialmente o industrial), o “progresso” do país era um tema importante e relegava a luta de classes a um segundo plano. Nesse contexto, a aliança eleitoral entre os comunistas e Ademar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP), para o governo de São Paulo em 1947, surpreende, mas uma confluência de fatores fez com que o acordo fosse aprovado. Considerado por John French um “admirável manipulador político”, Ademar era “bastante astuto para virar a seu favor a falta de apoio que tinha nas áreas urbanas”, contando com a adesão do PCB, “uma vez que os comunistas não o viam como concorrente em sua base eleitoral”,¹³ como viam Hugo Borghi e os trabalhistas.

11 KWAK, *op. cit.*, p. 233.

12 POMAR, Pedro Estevam da Rocha. *A democracia intolerante*: Dutra, Ademar e a repressão do partido comunista (1946-1950). São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 70.

13 FRENCH, John. *O ABC dos operários*: conflitos e alianças de classe em São Paulo (1900-1950). São Paulo: Hucitec, 1995. p. 202-203.

Borghi, importante político do período, tentou a candidatura pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mas não obteve apoio de Getúlio. Talvez a aliança PCB/Ademar não vingasse, cogitou Ari Couto, caso o ex-ditador tivesse legitimado Borghi.¹⁴ Pedro Pomar conclui que, “dada a aversão da burguesia ao PCB [...] uma transação política desse tipo poderia trazer para Ademar não apenas dividendos, mas também problemas. Porém, naquele momento, era o que estava ao seu alcance para eleger-se governador”.¹⁵

Do lado comunista, John French destaca que Ademar “posicionara-se à esquerda do centro” ao defender a legalidade do PCB após a prisão de comunistas na sequência da deposição de Vargas.¹⁶ Tendo vivido na clandestinidade a maior parte da sua existência, o partido considerava crucial uma vitória em São Paulo para manter a legalidade.¹⁷ Pomar considera a aliança “complicada e polêmica, para não dizer politicamente condenável”,¹⁸ mas John French chama a atenção para “a necessidade imperiosa do apoio comunista sentida por Ademar [ter aumentado] a segurança do PCB de que, em caso de vitória, poderia, na verdade, impor condições”.¹⁹

Ademar era considerado “um administrador ousado e dinâmico”, o que, de certa maneira, alinhava-se com a visão de progresso do PCB. Como afirma Luiza Cotta, embora oriundo da oligarquia rural, “deu seguidas mostras de estar seriamente empenhado em impulsionar o desenvolvimento do país em uma época na qual o Brasil agroexportador cedia espaço para a industrialização”.²⁰ Essa transição econômica interessava ao partido e, em geral, é negligenciada na análise da aliança.

O discurso de Ademar no período elegia como inimigos os “cartolas” e os “tubarões”, o que também o aproximava do PCB. Na gíria política, tubarão é “comerciante ou industrial ganancioso, que, ávido de lucros sempre maiores, concorre para a elevação do custo de vida”.²¹ Ou

14 COUTO, *op. cit.*, p. 85-86.

15 POMAR, *op. cit.*, 2002, p. 39.

16 FRENCH, *op. cit.*, p. 198.

17 FRENCH, *ibidem*, p. 194.

18 POMAR, *op. cit.*, 2002, p. 39.

19 FRENCH, *op. cit.*, p. 202-203.

20 A descrição é sobre a trajetória do governador e não especificamente sobre esse período. É uma imagem associada a Ademar desde a interventoria. Respectivamente, SAMPAIO, Regina. *Ademar de Barros e o PSP*. São Paulo: Global, 1982. p. 43. COTTA, *op. cit.*, p. 100.

21 Tubarão. In: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Delta, 1980. GAWRYSZEWSKI, A. *Panela vazia: o cotidiano carioca e o fornecimento de gêneros alimentícios, 1945-50*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal das

seja, em oposição a eles, Ademar ficava do lado daqueles que sofriam com a carestia. Ademais, por analogia, o tubarão come os “peixes pequenos”, comerciantes e industriais menores, o que os coloca ao alcance do seu discurso. O termo também podia sugerir crítica à exploração estrangeira no Brasil, por analogia a um oceano sem fronteiras e sem nacionalidade.

Ademar encomendou uma música sobre a “caixinha” e novamente vemos a figura do tubarão. “Quem não conhece/ Quem não ouviu falar/ Na famosa caixinha do Ademar?/ Que deu livro, deu remédio, deu estrada/ Caixinha abençoada!/[...] Deixa falar toda essa gente, maldizer/ Deixa quem quiser falar/ Essa gente não tem o que fazer/ Faz discursos, mas não cumpre o seu dever/ *Enquanto eles engordam os tubarões*/ [grifo nosso] A caixinha defende o bem-estar de milhões.”²² O sinônimo de corrupção aparece nos versos como se financiasse as ações do governo, garantindo o bem-estar da população. Não por acaso, em um contexto diferente, durante a campanha para a presidência em 1960, some a oposição entre os cartolas/tubarões e a “grande maioria de paupérrimos e semipobres”.²³ Já “cartola” remete ao burguês gordo, com cartola, charuto, etc., tradicional na iconografia do movimento operário. Segundo Gilda de Mello e Souza, a Revolução Industrial torna o vestuário do homem “cilíndrico, com suas calças, cartola e sobrecasaca”. Essa veste era também uma forma de mostrar que o personagem não se dedicava a trabalhos manuais, pouco se importando com a flexibilidade e o desembaraço do corpo.²⁴ Assim, ao criticar os cartolas durante seu discurso, Ademar tenta aproximar-se dos trabalhadores. Cartola também é uma “pessoa de posição social elevada que despreza a cultura e os hábitos populares; um grã-fino”.²⁵ Barros usa justamente esse termo

Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002, p. 148. Alberto Gawryszewski mostra que o termo definia “um comerciante que cobrava altos preços, que adulterava o leite, que não respeitava a tabela oficial [...], que tinha conluios com as autoridades”.

22 Marchinha de autoria de Herivelton Martins e Benedito Lacerda. KWAK, *op. cit.*, p. 289. Ademar era muito consciente do poder dos meios de comunicação de massa, na interventoria, manteve um programa no rádio, *Palestras ao Pé do Fogo*, e, quando governador, um cinejornal, o *Bandeirante na Tela*, por exemplo. Sobre este, ARCHANGELO, Rodrigo. *Um bandeirante nas telas de São Paulo: o discurso ademarista em cinejornais (1947-1956)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 21. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03032008-140811/>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

23 SAMPAIO, *op. cit.*, p.100-101.

24 SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a roupa do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 34 e p. 48, respectivamente.

25 Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/cartola>>.

para atacar “os que se separam do populismo”, classificando-se “muito *granfinamente* [grifo nosso] de democrata [quando] são apenas homens poderosos ou a serviço de grupos poderosíssimos”.²⁶ Cartola, inclusive, era utilizado pelos pessepistas para caracterizar os membros da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Social Democrático (PSD).²⁷ Ainda que haja uma leitura ademarista das duas palavras, há sem dúvida pontos de contato na linguagem utilizada pelos comunistas, para além do fato de buscarem o mesmo público.

As primeiras notícias sobre o acordo foram veiculadas em meados de 1946, mas a recusa do PCB em só tornar pública a aliança às vésperas da eleição travava as negociações.²⁸ Os termos do pacto contêm uma parte pública e um componente secreto.²⁹ Na primeira, os candidatos de Prestes indicaram Ademar como seu candidato a governador, ao mesmo tempo em que o PSP concordou com uma chapa conjunta para deputados federais e com a indicação de um comunista como um dos candidatos do PSP a senador. Ademais, o candidato prometia defender a constituição, defender a existência legal dos partidos e tomar medidas contra a carestia e a inflação, coerente com seu discurso sobre os tubarões. No segundo, Barros envolveu cargos no futuro governo³⁰ e uma subvenção ao partido: o dinheiro foi doado inclusive após o fim da aliança.³¹

Selado o acordo, a imprensa do PCB teve um papel importante na construção da figura de um governador palatável aos comunistas e aos trabalhadores. Embora tradicionalmente relegado ao segundo plano, o repertório de imagens comunistas é fundamental.³² O *Hoje* foi o principal

26 SAMPAIO, *op. cit.*, p. 68.

27 GONÇALVES, Alcindo. *Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos (1945-1962)*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995. p. 89.

28 SAMPAIO, *op. cit.*, p. 54.

29 Embora boatos na época já dessem conta de um acordo escuso. POMAR, 2006. *op. cit.*, 2006. p. 133.

30 FRENCH, *op. cit.*, p. 202-203.

31 MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 225. POMAR, *op. cit.*, 2002, p. 49.

32 No exterior, são vários os trabalhos sobre as imagens comunistas, com destaque para BONNEL, Victoria. *Iconography of power: soviet political posters under Lénin and Stálin*. Berkeley: University of California Press, 1997. No Brasil, GAWRYSZIEWSKY, Alberto. *Os traços na imprensa comunista carioca*. (Versão modificada do trabalho de Pós-Doutorado em História Social do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense) – Universidade Federal Fluminense, 2004; _____. *Arte visual comunista*. 1. ed. Londrina: LEDI/Universidade Estadual de Londrina, 2010; TAVARES, Rodrigo Rodriguez. *Desenhando a Revolução: a luta de imagens na imprensa comunista (1945-1964)*. 2010. Tese

periódico de apoio ao candidato, que tinha o diário *O Estado de São Paulo* contra a sua candidatura e, segundo o correligionário Beni, ganhava da imprensa apenas “alguns centímetros”.³³

O *Hoje* publicou em 10 de janeiro de 1947 (Figuras 1a e 1b) uma história em quadrinhos que caracterizava Ademar como “O povo no governo”. Utilizando a linguagem do homem do campo em forma de versos, a história narrava a vida de “seu” Belarmino, homem do interior que “agora tem em quem votar”. O jornal constrói a figura de um trabalhador do campo ingênuo que é sempre passado para trás pelas trapaças do “coroné”: antes, “o coroné fazia as leis, mas agora não faz não, pois os bons advogados [do PCB] vão mostrar quem tem razão”. O trato feito e respeitado é aquele estabelecido com o partido. Ademar de Barros é a opção, pois é o oposto do “coroné” por sua “honestidade”. Essa qualidade torna-se fundamental para a construção da propaganda do candidato, que não aparece visualmente e sim através de membros anônimos do partido. O fato de ele, um membro da oligarquia cafeeira, não ter ganho desenhos talvez fosse receio de ser visto como outro “coroné”, estabelecendo relação pessoal com os agricultores, o que não ocorre quando os advogados comunistas auxiliam o trabalhador. O candidato dedicava uma atenção especial às populações rurais, de quem era “quase um ídolo”,³⁴ e sua própria fala tinha “sotaque meio acaipirado”,³⁵ exagerava um correligionário.

FIGURA 1 – QUADRINHOS DA SÉRIE “ADEMAR É O POVO NO PODER” *HOJE* (10/1/47). FONTE: CEDEM/UNESP.

(Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26042010-155526/>>. Acesso em: 08 jan. 2014.

33 BENI, *op. cit.*, p. 179.

34 BENI, *ibidem*, p. 58.

35 KWAK, *op. cit.*, p. 278.

Na história em quadrinhos, o homem do campo foi desenhado de forma caricata e com símbolos que facilmente o identificam como grupo: chapéu de palha, enxada, pé descalço, criança com barriga inchada, família doente (malária, amarelão), roupa com remendos, etc. O PCB via o campo como local atrasado, que precisava ser transformado com o apoio da aliança eleitoral. Os desenhos perdiam o traço caricato e assumiam contornos mais realistas quando os personagens eram urbanos. Quando Ademar de Barros era desenhado na imprensa comunista, ganhava sobriedade e seriedade similares aos candidatos do PCB, todos sem os traços exagerados que caracterizam a caricatura. O nariz avantajado do candidato e a barriga saliente associada à fartura, matérias-primas para essa arte, eram minimizadas. Seu busto surge com terno e gravata no *Hoje* de 13 de janeiro de 1947 (Figura 2). Embora seja um desenho singelo, essa representação mais formal é reservada aos candidatos sérios e comprometidos com o povo. A roupa de Ademar mudará sensivelmente após o rompimento com o PCB.

FIGURA 2 – *HOJE* (13/1/47. FONTE: CEDEM/UNESP.

Em 15 de janeiro de 1947 (Figura 3), o jornal *Hoje* publicou uma convocação para um "gigantesco comício" no vale do Anhangabaú, em São Paulo. Ademar é descrito como aquele que não faz "cambalachos", enquanto a corrupção era uma sombra e seus correligionários, durante a campanha, eram xingados de "caras sujas" pelos adversários.³⁶ O PCB usava seu prestígio para apagar o passado do ex-interventor e mostrá-lo sob nova roupagem. As duas personalidades desse comício, Ademar e Prestes, foram aproximados visualmente com o terno e a gravata, com o corte e as entradas no cabelo e com a ênfase na representação de perfil de ambos. Se terno e gravata era algo corriqueiro na indumentária ademarista, não era para Prestes, cujo traje, até então, era o de militar tenentista em fotografias

FIGURA 3 – *HOJE* (15/1/47). FONTE: CEDEM/UNESP.

36 SAMPAIO, *op. cit.*, p. 53.

e desenhos, ou terno sem gravata e desarrumado nas fotografias posteriores à insurreição comunista de 1935. A diagramação da página e dos textos que acompanham o semblante dos candidatos também contribui para aumentar a identificação. O candidato a governador está em uma posição de mais destaque, no canto superior esquerdo, o que demonstra a importância que o partido dava a essa aliança e de como utilizava seu maior herói, Prestes, para auxiliar o controvertido aliado.

Em 18 de janeiro de 1947 (Figura 4), foi publicado um desenho da dupla sobre fotografias de multidões, dando a impressão de que a população acaba de sair da fábrica para apoiá-los. As pessoas estão representadas por uma união entre desenho e fotografia, que dá um caráter documental e realista à representação. Associados ao cenário fabril, os políticos sur-

FIGURA 4 – HOJE (18/1/47). FONTE: CEDEM/UNESP.

gem com naturalidade como representantes desses trabalhadores, aptos a guiá-los como os "cabeças", já que a ênfase é no busto. Ambos estão desenhados no mesmo plano, mas a semelhança física dos dois é menor. O que não significava uma reprovação de Prestes, já que o "líder do povo" está olhando para ele, chancelando com a sua liderança aquele candidato. O esforço do partido contorna inclusive a caixinha ademarista que, nesse momento, também ajudava o PCB e o próprio jornal. O *Hoje* de 13 de janeiro de 1947 (Figura 5) sugeria que o leitor adquirisse um cheque eleitoral que dava direito a prêmios: é a mobilização dos trabalhadores fabris que

FIGURA 5 – *HOJE* (13/1/47). FONTE: CEDEM/UNESP.

financia a campanha. O rico³⁷ candidato foi retratado na iconografia do partido como um legítimo representante dos trabalhadores, tanto da cidade como do campo, um homem honesto em quem as massas podiam confiar, alguém cujo caráter o transformava num parceiro ideal de Prestes em São Paulo. Em geral, o voto dos comunistas é visto como fundamental para a vitória eleitoral, mas a ação não é mecânica e a imprensa teve papel ativo na construção de uma figura pública que, respaldada pelo partido e pelo seu líder máximo, fosse palatável aos comunistas e aos demais leitores dessa imprensa. Depois da vitória eleitoral, a dupla esteve junta nos festejos da posse³⁸ e, nos três primeiros meses, a sede do governo “estava polvilhada de comunistas”.³⁹ Já o movimento operário esperava que o novo governo “significasse o fim do tratamento das disputas trabalhistas como questão de polícia”, havendo até boatos de que o governador cogitava a extinção do setor paulista do [Departamento de Ordem Política e Social] DOPS.⁴⁰ A convivência, todavia, é curta e o partido é colocado na ilegalidade.

A elite travestida de popular

Os comunistas se mostravam confiantes com a manutenção da legalidade, mas, depois de uma intensa campanha conservadora dentro de um contexto já do início da Guerra Fria, o partido foi proscrito em 7 de maio de 1947, com o governador paulista mantendo-se neutro e desrespeitando o acordado. French avalia que, “diferentemente dos políticos definitivamente identificados com este ou aquele grupo”, ele “baseava seu êxito em abster-se de lealdades sólidas, a fim de maximizar sua flexibilidade no livre jogo da política eleitoral”.⁴¹ Ao ser cobrado por dois deputados estaduais sobre “os compromissos assumidos com o partido”, o governador paulista os enxotou: “Ora, ora! O papel assinado com vocês serve para limpar a bunda!”⁴²

37 Jânio Quadros conseguia ir mais longe que Ademar na criação de uma identificação com os moradores da periferia. Cf. DUARTE, Adriano Luiz; FONTES, Paulo. O populismo visto da periferia: ademarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1947-1953. *Cadernos do AEL: populismo e trabalhismo*, v. 11, n. 20/21, p. 105, 2004.

38 SAMPAIO, *op. cit.*, p. 57-58.

39 KWAK, *op. cit.*, p. 251.

40 FRENCH, *op. cit.*, p. 206.

41 FRENCH, *ibidem*, p. 215.

42 MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 184.

Sem dúvida, a mudança de postura trouxe uma alteração radical na iconografia. O partido culpou Ademar pela cassação de seu registro eleitoral, passando a acusá-lo de traição e pelo posterior recrudescimento da repressão, que resultou em morte de trabalhadores em Tupã e Santos e na invasão do *Hoje*, em 1948. John French, fazendo um balanço do que foi dito sobre essa traição, afirma que os comentaristas acreditam que o rompimento fora planejado desde o início e censuram “os comunistas por seu próprio ‘oportunismo’ e ‘ingenuidade’ ao acreditar que algo diferente de traição poderia seguir-se a [essa] aliança.”⁴³

Para uma parcela dos comunistas, no entanto, o rompimento não foi automático. Um deputado comunista criticou a “crença amplamente disseminada de que ‘Ademar não traiu o povo’, mas fora forçado pelos ‘fascistas’ a fazer o que fez. Ele afirmou que isso era uma ‘ilusão’ dos que ainda acreditavam na ‘demagogia’ ademarista”.⁴⁴ Ao reforçar esse aspecto, o deputado mostra como as mudanças não eram automáticas e precisavam de convencimento e os desenhos do *Hoje* auxiliaram nesse objetivo, como veremos.

Pedro Pomar, abordando as “ambiguidades táticas” de Ademar de Barros, concorda com French que em alguns momentos o governador atenuou a repressão política até as eleições municipais de novembro e depois, no início de 1948, também teria feito algumas concessões, orientando a bancada do PSP a votar contrariamente à cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas e libertando presos.⁴⁵ Valeria ainda destacar que o governador mantinha eventual ajuda financeira ao partido e que parte da elite, não acreditando no rompimento, apoiou uma intervenção federal em São Paulo. O risco da perda do poder precisa ser levado em conta na apreciação das atitudes do governador.

Além de corrupção, as denúncias contra Ademar sugeriam, inclusive, sua participação na insurreição comunista de 1935 e na indicação de comunistas para diversas prefeituras.⁴⁶ O governador tentou evitar a intervenção, apoiando o genro de Dutra, Novelli Junior, para ser seu vice e, embora agisse na cúpula, também adotava tom desafiador nos comícios:

43 FRENCH, *op. cit.*, p. 213.

44 FRENCH, *ibidem*, p. 215.

45 POMAR, *op. cit.*, 2002, p. 48; SAMPAIO, *op. cit.*, p. 64.

46 SAMPAIO, *ibidem*, p. 58.

“de camisa de mangas arregaçadas, lançava desafios [...]; ‘Querem me depor? É fácil. Cinco homens são suficientes; um para atirar e quatro para o transporte de meu corpo’”.⁴⁷

Assim, o rompimento ganha outras nuances e se insere num contexto em que o papel da traição pura e simples precisa ser visto com cautela. Todavia, no campo simbólico construído pelos desenhos comunistas, a falta de caráter de Ademar fica bastante explicitada. A “traição” eximia o partido de qualquer erro de avaliação.

Em 1º de agosto de 1947, no jornal *Hoje*, no lugar da imagem de honesto político propagada anteriormente, Barros ganha um enorme nariz de mentiroso. No mesmo jornal, em 3 de agosto de 1947 (Figura 6), Ademar

FIGURA 6 – *HOJE* (3/8/47). FONTE: CEDEM/UNESP.

47 BENI, *op. cit.*, p. 64.

surge com a camisa e calça amassadas e desalinhadas, a manga arregaçada, além da gravata torta e de nó malfeito. A legenda afirma que Ademar, “travestido de ‘popular’ [...] já não consegue iludir a mais ninguém, (*sic*) nos seus lero-leros radiofônicos”. O lero-lero, “conversa vazia, inútil, vã”,⁴⁸ mostra a demagogia das propostas ademaristas. A escolha da palavra travestido é interessante, pois significa “disfarçado para adquirir caráter oposto”.⁴⁹

A contraposição entre o “Candidato do Povo”, que contava com o apoio do líder Prestes, e essa nova representação, é acentuada. A respeitabilidade que o terno alinhado dava ao candidato está completamente ausente, o busto também deu lugar a um candidato de corpo inteiro e com as pernas abertas de maneira pouco digna. Essa indumentária relapsa denuncia o que se chamou de populismo, que tinha como uma das marcas a caracterização de certos políticos com hábitos e vestimentas mais parecidos com os do dia a dia da população, estabelecendo uma relação direta entre líder e “massa”. Aqui, o jornal procura mostrar como esse recurso do político era artificial, estando ele até com as mangas arregaçadas, como se efetivamente fosse efetuar algum trabalho manual.⁵⁰

Essa figuração de um Ademar “falso” também dialogava com a ideia de que só alguém dissimulado poderia se passar por um “candidato do povo” para depois agir como traidor. O PCB havia construído uma imagem de *status* e respeitabilidade dos candidatos do partido ao desenhar os políticos de terno e gravata, referência à dignidade que o trabalhador gostaria de ter ao se vestir. Todavia, com a situação de miséria, esse alinhamento no vestuário nem sempre era a realidade das pessoas mais humildes, e os candidatos posteriormente chamados de populistas passam a explorar essas e outras características para se aproximar do povo. Para o partido, ficava clara a demagogia existente nesse tipo de atitude, que busca desmascará-la chamando a atenção para esse Ademar “travestido” de popular, embora esse recurso fosse efetivo.

48 Lero lero. In: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Interessante notar que também é sinônimo de “Léria”, “Conversa ou história com que se pretende iludir a boa-fé de uma pessoa ou dela conseguir algo”. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/verbete_original>.

49 Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/Caldas_Aulete_travestido>.

50 Mario Beni, correligionário de Ademar, nota que o rival Jânio Quadros “estava permanentemente no noticiário em virtude de seu modo de trajar-se, destruindo qualquer espécie de protocolo”. BENI, *op. cit.*, p. 293.

Aqui, vale a pena nos atermos às ideias de populismo e de popular. Mario Beni afirmava que Ademar era culto, mas o político dizia que as massas não queriam “oratória empertigada e acadêmica”.⁵¹ Ademar de Barros criava seus próprios *slogans*, como “São Paulo não pode parar”, ‘Fé em Deus e pé na tábuas’, ‘Para frente e para o alto’, ‘O diabo está solto’ e muitos outros”.⁵² Em uma época em que não existia televisão, o “divertimento era o comício”, afirma o político Israel Dias Novais. E complementa que Ademar falava de improviso, em linguagem coloquial e “em alguns repentes essas falas beiravam a vulgaridade, atingindo as raíais do baixo calão [e exibindo-se] [...] em mangas de camisa escandalizava os mais comportados ao deixar de lado o paletó e desabotoar o colarinho”.⁵³ Em entrevista à revista *Manchete*, em 1963, o próprio Ademar se define politicamente como populista: “Detesto tanto a extrema esquerda como a extrema direita, porque ambas são nocivas. Estou no centro, com uma política social e progressista”.⁵⁴ A sua ascensão política está ligada às primeiras reflexões sobre o fenômeno populista.⁵⁵ O texto “O que é Ademarismo?” foi publicado na revista *Cadernos de Nosso Tempo* do Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), em 1954. O texto considera que “A vulgaridade pessoal do Sr. Ademar de Barros e de suas declarações fazem o ademarismo objeto do desprezo das pessoas cultivadas e parecem reduzi-la a um nível indigno de um estudo sério”.⁵⁶ Já Francisco Weffort ressalta que “na linha do moralismo tradicional, o populista não aparece como um verdadeiro político, nem as massas como fundamento de qualquer tipo de política [pois] [...] é visto apenas como um imoral aproveitador da ignorância popular”.⁵⁷

51 BENI, *Ibidem*, p. 135.

52 BENI, *ibidem*, p. 60-61.

53 KWAK, *op. cit.* p. 278.

54 DEBERT, Guita Grin. *Ideologia e populismo*: A. de Barros, M. Arraes, C. Lacerda, L. Brizola. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 52.

55 IBESP. Que é o ademarismo? *Cadernos de Nosso Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 139-149, jan./jun. 1954. In: SCHWARTZMAN, Simon. *O pensamento nacionalista e os “Cadernos de Nosso Tempo”*. Brasília, DF: UnB; Câmara dos Deputados, s/d. p. 23.

56 Para Fabiane Oliveira, o IBESP, através da revista *Cadernos de Nosso Tempo*, onde foi publicado o artigo, tentava desvincular Vargas de Ademar de Barros para afirmar a diferença no populismo de ambos. Para a autora, o texto é JAGUARIBE, Hélio. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho 2011, p. 12.

57 WEFFORT, Francisco. Raíais sociais do populismo em São Paulo. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 2 de abril de 1965, p. 41.

Embora relativize a capacidade de manipulação desses líderes, Weffort é autor fundamental no quadro teórico do populismo.⁵⁸ Analisando os anseios dos eleitores de Ademar, o autor afirma que eles “não contêm a expectativa de uma política específica, mas a de um poder que ‘olhe pelos pobres’. [...] O ademarista típico [...] imagina um estado protetor, assistencial, ao qual possa recorrer em caso de dificuldade sem os impedimentos técnicos de uma administração racional e impessoal.”⁵⁹

Atualmente, a historiografia tem destacado o caráter ativo da “massa”, ou, mais especificamente, dos trabalhadores no “pacto populista”. Em certo sentido, parece haver uma substituição do conceito populismo, entendido como negativo, pelo conceito positivo de trabalhismo, mas, como alerta Alexandre Fortes, há o risco de substituímos o estigma pela apologia, ao trocarmos um pelo outro.⁶⁰ Paulo Fontes e Adriano Duarte chamam a atenção para o papel da cidade na questão e a função das sociabilidades locais, em uma relação que se pretende direta entre o líder e as massas.⁶¹ Já Andrea Nogueira destaca o papel do humor a partir da análise do Zé Marmiteiro, personagem de Nelo Lorenzon, publicado no jornal *Folha da Noite*.

O PCB usava os desenhos de humor para criticar as imagens de um Ademar que o próprio partido ajudou a construir. Um desenho publicado no jornal *Hoje* em 1950 (Figura 7) afirma que ele “é um ladrão. Rouba de todos em todas as circunstâncias. Enche a ‘caixinha’ para as suas aventuras políticas [...] enquanto vai aumentando o número de suas fábricas e fazendas. [...] Descrever os roubos de Ademar é impossível. Os seus parceiros são escolhidos a dedo: também são todos ladrões.” O desenho mostra um ladrão mascarado, com uma lanterna para atuar à noite, arrastando um saco de dinheiro e dotado de revólver e punhal, que remete à violência contra o PCB. Como destacou Rodrigo Patto Sá, “a arma branca curta, especialmente o punhal, evoca a traição, a clássica punhalada pelas costas”.⁶²

58 “Weffort chega mesmo a sugerir a substituição de ‘manipulação’ por ‘aliança’ [mas] não há investimento nesta modulação”. GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 34.

59 WEFFORT, *op. cit.* p. 58.

60 FORTES, A. *Nós do Quarto Distrito...: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas*. Caxias do Sul: EDUSC; Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 438, *apud* DUARTE, Adriano Luiz; FONTES, Paulo. O populismo visto da periferia: ademarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista, 1947-1953. *Cadernos do AEL: populismo e trabalhismo*, v. 11, n. 20/21, p. 116, 2004.

61 DUARTE; FONTES, *op. cit.*, p. 105.

62 MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*. São Paulo, Perspectiva, 2002. p. 102.

FIGURA 7 – HOJE (1950). FONTE: AEL/UNICAMP.

Em charges publicadas no *Notícias de Hoje*, no contexto da eleição para governador, o caricaturista Ramiro, pseudônimo de Alvaro de Moya, segue a mesma linha. Em 1º de agosto de 1954 (Figura 8), Ademar é transformado num pirata, com punhal e espingarda, que, por ter a caixinha cheia, deixa a panela do trabalhador vazia. A figura do pirata dialogava com a ideia da violência e do roubo. A caixinha também aparece numa charge de 22 de julho de 1954 (Figura 9), que relaciona o filme *O homem da caixinha*⁶³ com o governador.

Na eleição para governador em 1954, a disputa ficou polarizada entre Ademar de Barros e Jânio Quadros. Jânio exibia em seus comícios

63 Nelo Lorenzon também usou o filme para criticar Ademar. NOGUEIRA, *op. cit.*, p. 176.

FIGURA 8 – NOTÍCIAS DE HOJE (1/8/54). FONTE: CEDEM/UNESP.

FILME DA SEMANA: O HOMEM DA CAIXINHA

FIGURA 9 – NOTÍCIAS DE HOJE (22/7/54). FONTE: CEDEM/UNESP.

uma gaiola com um rato dentro, o “Ademar”,⁶⁴ enquanto Ademar levava um gambá morto, referência a Jânio.⁶⁵ A figura do rato também esteve presente na caricatura publicada em livro sobre a “caixinha” de Ademar e continha a legenda “Assim é Ademar. Um ‘rato’. Um ‘rato’ barrigudo, e de papo cheio. De onde veio o dinheiro que o ‘rato’ acumulou? Do povo.”⁶⁶ O PCB também explora a figura do repugnante animal, mas faz uma leitura própria do acirrado conflito eleitoral. No *Notícias de Hoje* de 12 de setembro de 1954 (Figura 10), diversos ratos (Jânio, Ademar, Café Filho, Assis Chateaubriand) pegam as migalhas do Tio Sam, enquanto a população é expulsa do banquete. Para os comunistas, não há diferença entre os rivais.

Nessa eleição, também foi retomado o tema da repressão de Ademar quando governador, que acabou em morte de trabalhadores em Santos e Tupã. Em 25 de setembro de 1954 (Figura 11), ele aparece no *Notícias de Hoje* com um porrete, a arma do homem primitivo, ressaltando a sua violência contra a população, e novamente com o punhal. No contexto da

FIGURA 10 – NOTÍCIAS DE HOJE (12/9/54). FONTE: CEDEM/UNESP.

64 KWAK, *op. cit.*, p. 331.

65 CHAGAS, Carlos. *O Brasil sem retoque: 1808-1964: a história contada por jornais e jornalistas*. v. 2. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 712.

66 ALVES, Francisco M. Rodrigues, *op. cit.* A caricatura original foi publicada no livro RAMALHO, João. *A administração calamitosa do Sr. A. de Barros em São Paulo*. 1941.

Ademar, o sanguinario

FIGURA 11 – NOTÍCIAS DE HOJE (25/9/54). FONTE: CEDEM/UNESP.

eleição para a Prefeitura de São Paulo, vencida por ele, o mesmo desenho é publicado pelo *Notícias de Hoje* em 19 de março de 1957, mas em página inteira e cercado por manchetes sobre o “histórico” de violência do então candidato a prefeito. O texto que acompanha o desenho afirma que a prefeitura seria “um trampolim para alcançar o governo do Estado e, desse, para lançar-se ao seu velho sonho da presidência da república”, além de ressaltar que ele “não deve merecer a confiança do eleitorado porque ele já traiu os compromissos assumidos para com o povo”. Com essa virulência, parecia sepultada a possibilidade de reedição da aliança.

Todavia, segundo João Falcão, já na eleição presidencial de 1955 a cúpula do partido estava inclinada a apoiá-lo em troca de dinheiro, mas a militância impôs Juscelino Kubitschek.⁶⁷ Afinal, a aproximação acabou

⁶⁷ MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 225.

ocorrendo de maneira explícita. *O Estado de São Paulo* de 2 de abril de 1958 publica entrevista de Prestes na qual ele diz compreender o prestígio ademarista em São Paulo e lembra a aliança em 1947, rompida “porque ele se tornou reacionário e matou trabalhadores”. Segundo Prestes, “isso marcou o Sr. Ademar de Barros definitivamente [e] [...] não será fácil apoiá-lo novamente”, mas ressalta que se esse apoio “for conveniente e necessário”, os camaradas têm “prestígio junto à massa para conduzi-la mais uma vez ao ademarismo”.⁶⁸ Em agosto, fica pública a aliança, mas Ademar perde a eleição para Carvalho Pinto, apoiado por Jânio.

A nova aliança para a candidatura ao governo de São Paulo trazia também a necessidade de defesa de bandeiras trabalhistas e nacionalistas e, nas poucas vezes em que se manifestou, foi cauteloso. Mesmo durante a campanha pelo monopólio estatal do petróleo, ele foi favorável à participação do capital estrangeiro.⁶⁹

O prefeito paulista tentou a sucessão de Juscelino Kubitschek, mas o partido defendeu a chapa do Marechal Lott, do PSD, e de João Goulart, do PTB,⁷⁰ fazendo críticas à sua pretensão. O jornal *Novos Rumos*, de 23 de junho de 1960, falando de Ademar, afirma que “forças progressistas, em escala menor, procuram resistir por interesses pessoais à adesão à candidatura Lott e Jango”. O prefeito paulista foi derrotado, mas vence a eleição de 1962 para o governo de São Paulo, com a oposição dos comunistas, que pediam voto em branco⁷¹ e “caracterizaram-no como o principal inimigo do povo paulista”. O jornal *Novos Rumos* de 2 de janeiro de 1964 faz um balanço do governo ademarista, marcado pela “desumana exploração das massas trabalhadoras [...], feroz repressão policial [...], prática desenfreada da corrupção, [...] favorecimento aos latifundiários e grandes grupos econômicos nacionais e estrangeiros”. E, por fim, interessado “na montagem de sua máquina eleitoral para disputar a presidência da república”, a obsessão de Ademar.

68 SAMPAIO, *op. cit.*, p. 92.

69 Para Ademar, a aliança com o PCB e também com o PTB visava “retirar das forças janistas a primazia do apelo às camadas mais radicais do eleitorado e trazer para o PSP a votação do operariado”. *Ibidem*. p. 92-93.

70 CANNABRAVA FILHO, *op. cit.*, p. 100. Paulo Cannabrava Filho se equivoca ao afirmar que Ademar teve apoio do PCB.

71 Prestes indica em São Paulo voto em branco para governador. *Novos Rumos* 3, outubro de 1962.

“Democracia”

O governador do Estado mais rico da federação era um personagem importante no que ocorria em Brasília, local onde almejava estar em 1965. No contexto conturbado da renúncia de Jânio Quadros e resistência à posse de João Goulart, a sua representação tem outros “concorrentes” no campo conservador. O PCB nunca esteve tão próximo de um governo como o de Jango.

Já nas eleições para governador em 1962, a propaganda ademarista mudou sua orientação tradicional: não apresentava o líder apenas como o homem “progressista” e “realizador”, mas acentuava a imagem do patriarca com a chamada “política do amor”, que promete “paz” e “tranquilidade”.⁷² Nessa candidatura, não foi enfatizada a oposição entre “cartolas” e os “tubarões” e os interesses da “grande maioria de paupérrimos e semipobres”.⁷³ A dosagem no discurso estava a par da mudança política e do acirramento dos conflitos na década de 1960. Ainda assim, num primeiro momento, o PSP ademarista controlou dois ministérios e, segundo Jose Gurgel, ex-deputado pessepista, “o governador tentava convencer Jango a abandonar as esquerdas e se aproximar do centro”, destacando que o entendimento seria natural, pois ambos “vinham da política social de Getúlio”.⁷⁴ Ademar admitiu em fevereiro de 1962 a pretensão de ser ministro ou primeiro-ministro de Jango⁷⁵ e pediu voto pelo retorno ao presidencialismo no plebiscito que devolveria plenos poderes ao presidente.

Todavia, Ademar começa a conspirar pela derrubada do presidente e algumas atitudes de Jango aumentam o distanciamento entre ambos. O presidente fez um discurso em São Paulo em abril de 1963 e radicalizou o tom contra os “tubarões”, colocando-se ao lado dos trabalhadores.⁷⁶ Essa linguagem agradava os comunistas, mas o governador já a havia abandonado. Também vale destacar que Jango tirou cargos do PSP e nomeou Carvalho Pinto, ex-governador paulista e rival de Ademar, ministro da Fazenda. Oficialmente, em outubro de 1963, os pessepistas se colocam contrários

72 WEFFORT, *op. cit.*, p. 56.

73 SAMPAIO, *op. cit.*, p.100-101.

74 KWAK, *op. cit.*, p. 297.

75 COUTO, *op. cit.*, p. 117.

76 KWAK, *op. cit.*, p. 297.

ao *impeachment* do presidente, mas descartam qualquer possibilidade de cooperação com ele.⁷⁷ Ademar também passa a ser mais crítico em relação aos movimentos grevistas, criticando as greves de 1963 e afirmando que “o operário paulista é, sobretudo, um democrata e não deseja servir de instrumento para a cubanização da pátria”.⁷⁸ Do ponto de vista simbólico, teve papel de destaque na resposta conservadora ao comício da Central do Brasil, a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade.

Evidentemente, essa é a fase mais visível do envolvimento na conspiração por parte do governador de São Paulo. O IPES, Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, uma das organizações civis que ajudou na organização do golpe, também o atraiu. A cooperação ademarista era considerada essencial, já que a força pública e a guarda civil paulistas igualavam o número de soldados do II Exército. O próprio sistema de escuta clandestina das chamadas telefônicas do presidente foi montado pelo secretário de Segurança Pública de São Paulo.⁷⁹ Ademar de Barros atuou também como “tesoureiro da conspiração, arrecadando fundos de industriais paulistas, para garantir o apoio logístico [...] comprou armas contrabandeadas [...] [e] colocou aviões da Vasp à disposição dos conspiradores.”⁸⁰ Evidentemente, não era o único governador conspirando. Magalhães Pinto, de Minas Gerais, e Carlos Lacerda, da Guanabara, eram outros articuladores civis do golpe.⁸¹

Nesse acirrado quadro de disputas e com a conspiração em curso, o *Novos Rumos* publica charges de Ademar de Barros com outros personagens. O político que já foi elogiado, figurando ao lado de comunistas, depois desenhado sozinho em caricaturas e charges, agora aparece competindo com outros personagens, como Magalhães Pinto e Carlos Lacerda – além do próprio presidente João Goulart e a personificação da Central Geral dos Trabalhadores, Pacto de Unidade e Ação, União Nacional dos Estudantes, entre outros. A intensa mobilização social e política do período estava presente por meio de diversos personagens e, no quadro conceitual

77 COUTO, *op. cit.* p. 211.

78 KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro (1857 a 1967)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982. p. 494.

79 DREIFUSS, René Armand. *1964, a conquista do estado: ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 372.

80 KWAK, *op. cit.*, p. 298.

81 Inclusive, o paulista declinava da primazia para depor o governo, pois, em 1932, afirma em depoimento Ademar: “Nós fizemos um acordo com Minas e Rio Grande do Sul para derrubar Vargas e fomos traídos”. Entrevista de Ademar de Barros a John Dulles (1/12/1965) *apud* KWAK, *op. cit.*, p. 304.

do populismo, esse momento marca o seu auge (com a eleição de Jango e a mobilização social) e sua crise (com a incapacidade de atender às demandas sociais e o posterior golpe militar).

O *Novos Rumos*, em 3 de outubro de 1963 (Figura 12), publica desenho de um ringue tendo de um lado Peri, comandante do II Exército de São Paulo, auxiliado por Carlos Lacerda e Ademar de Barros, e do outro, a CGT, apoiada pela PUA, UNE e UBES. Jango é o espectador da cena. Peri criticou a CGT e, no *corner* do ringue, vemos os mentores da agitação política sobre o exército. Mas, para o partido, essa aliança não seria páreo para as forças populares, mais robustas no desenho. A obsessão de

FIGURA 12 – TRECHO DA CHARGE DE ROMA. *NOVOS RUMOS* (3/10/63). FONTE: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

Ademar com a presidência é ironizada no *Novos Rumos* de 17 de outubro de 1963 (Figura 13), no qual o caricaturista Roma mostra Ademar saindo de um caixão: quando o eleitor pensa que ele está morto politicamente, ele ressurgir. Já em 12 de setembro de 1963 (Figura 14), o governador paulista aparecia com um revólver “democracia”, que é entupido pelo trabalhador com um único dedo. Vale destacar que Ademar recriminou aqueles que, sob a alegação de serem democratas, criticavam o populismo. Para o desenho, a democracia que ele defende é a entre aspas. No *Novos Rumos* de 12 de dezembro de 1963 (Figura 15), Ademar e Lacerda se confrontam pelo apoio

FIGURA 13 – TRECHO DA CHARGE DE ROMA. *NOVOS RUMOS* (17/10/63). FONTE: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

FIGURA 14 – *NOVOS RUMOS* (12/9/63). FONTE: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

FIGURA 15 – NOVOS RUMOS (12/12/63). FONTE: <http://hemerotecadigital.bn.br/>

de Tio Sam para a campanha presidencial prevista para 1965. O paulista já tinha *slogan* para a campanha: “Trabalharemos com afinco, Ademar 65.”⁸²

Embora estivesse com um revólver, com um militar e buscando apoio norte-americano, elementos simbólicos que poderiam indicar um golpe, os desenhos construíam uma esquerda forte comparada à direita.⁸³ Ademais, embora sua idade fosse propagandeada como experiência, Ademar de Barros já era um sexagenário e sua figuração é a de alguém decadente.

Os desenhos publicados pelos comunistas sobre Ademar de Barros auxiliaram na construção da imagem dele em tempos diferentes de sua trajetória. Um Ademar popular, progressista e em sintonia com Prestes marcou o tempo da aliança entre ambos. Com o rompimento, os desenhos constroem o tempo da decadência física e da degradação moral. Imagens diversas para tempos e interesses diversos.

Recebido em: 10/05/2014.

Aprovado em: 27/06/2014.

⁸² COUTO, *op. cit.*, p. 205.

⁸³ O papel das caricaturas no golpe é discutido em MOTTA, Rodrigo P. Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.